

desalienados no paraíso: um escrito póstumo de **Simão** Bacamarte

Edvaldo Ribeiro Brandão¹

Palmeira dos Índios, Alagoas, 18 de maio de 2018

Caros leitores, suponho que, a princípio, seja estranho receber uma carta de alguém que não se encontra mais entre vós. Na verdade, não me encontro entre os vivos há algum tempo, então deixem que eu me apresente. Me chamo Simão Bacamarte, provavelmente vocês já conheçam minha história. Dediquei minha vida à ciência, à psiquiatria e ao estudo da loucura. Fui um dos maiores alienistas que já habitaram o Brasil, Portugal e Espanha, e, para estudar mais ainda a mente humana, voltei à minha cidade natal, Itaguaí, e criei a Casa Verde. Formulei teorias, fiz experimentos com a população itaguaiense, coloquei quatro quintos dos meus conterrâneos na Casa Verde, e, por fim, acabei internando a mim mesmo, colocando, assim, minha última teoria em prática.

Após dezessete meses autoaprisionado no manicômio e estudando a minha mente perfeita, morri. Este é o momento em que todos devem estar, novamente, se perguntando como estão recebendo, em 2018, uma carta de alguém que já está morto. Quase que parafraseando um personagem tão ilustre quanto eu — e que deu as caras por aí um ano antes de mim —, eu diria que não sou propriamente um escritor defunto, mas um defunto escritor. Minha história se passou em meados

¹ Edvaldo é natural de Delmiro Gouveia, sertão de Alagoas. Psicólogo e pesquisador, é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus Arapiraca, Unidade Educacional de Palmeira dos Índios, e mestrando em Psicologia na área de concentração de Estudos Psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGPsi/UFMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8434238811854942> E-mail: edvaldorbrandao@hotmail.com.

do século dezoito, morri com pouco mais de quarenta e sete anos, num dia quente primaveril. Fui tomado por um mal súbito e, por estar sozinho na Casa Verde, me vi sem ajuda. Logo após desencarnar, percebi o que havia acontecido. Minha primeira constatação foi que, apesar do que eu acreditava, existia uma alma, o ser humano não era só um amontoado de células. Fiquei ali, observando meu próprio corpo sem vida até que, alguns dias depois, minha esposa veio fazer uma visita e se deparou com o que restara de mim.

De início foi um choque, ela saiu aos gritos do manicômio e, em instantes, metade da população de Itaguaí estava na frente da Casa Verde. No dia seguinte uma multidão foi acompanhar o meu enterro, o prefeito decretou luto oficial em memória de um dos cidadãos mais ilustres que já habitara a pequena cidade. Enquanto isso, eu observava tudo, quietinho no meu canto. De qualquer forma, não volto aqui para contar o que aconteceu com os habitantes de Itaguaí, até porque minha vida nunca foi voltada a eles, e não é a morte que vai ser. Venho para trazer novas reflexões que algumas décadas de ócio me trouxeram sobre a loucura. Logo após meu velório, comecei a vagar sem destino pelo planeta, conheci outros desencarnados, e tudo ia bem, até que em um determinado dia descobri algo que me chocou bastante: existiam deuses. E outra coisa me chocou ainda mais: a Loucura era uma deusa. Como assim?! A partir daí, mais nada fazia sentido, mas concluí uma coisa: precisava ir até a Loucura e falar pessoalmente com ela, talvez isso trouxesse respostas para minhas dúvidas. E assim fui, segui por todos os lugares possíveis em busca da deusa que fora meu objeto de estudo durante minha breve passagem pela vida.

Depois de muito vagar, finalmente descobri seu paradeiro e fui ao seu encontro. Ao chegar lá ela, por ser uma deusa e de tudo saber, já estava à minha espera. Encontrei-a num traje absurdamente extravagante e com cabelos da cor de fogo. Por um segundo fiquei imóvel, até que ela veio e me cumprimentou como um velho conhecido. Mudo eu estava, calado fiquei. Loucura tomou a iniciativa e disse que ninguém poderia apresentá-la melhor que ela mesma. Disse que era amante do Amor Próprio e do Autoelogio; que, ao contrário dos outros deuses, não esperava que ninguém a elogiasse, por isso o fazia. Nesse momento, consegui verbalizar algumas palavras, perguntei se ela era boa ou má. Logo, ela virou para mim e disse que era, simplesmente, a mais importante e benevolente das deusas. Descreveu a si mesma como a mais amada, embora, na maioria das vezes, esquecida. E então começou a contar sua história do começo. Contou que era filha de Plutão com uma ninfa, chamada Neotetes. Seus pais não eram casados, ela se descreveu como filha do prazer e do amor livre. Nesse momento eu já estava sentado em sua frente, apenas observando enquanto a ilustre deusa contava sua história.

A deusa me olhava fixamente, e recordava em voz alta de quando, ao nascer, começou a rir copiosamente na cara de sua mãe. Na sala de parto,

já contava com um grupo de fiéis escudeiros, eram eles o Amor Próprio, a Adulação, o Esquecimento, a Preguiça, o Prazer, a Insensatez, o Sono Profundo e o Riso. Acompanhada por todos esses criados, ela tomava para si o domínio de, praticamente, tudo no mundo. Nesse momento, a interrompi e perguntei como ela podia se dizer tão importante se era tão malvista perante os mortais. Então, ela sorriu com deboche e disse que só estava começando. Nesse momento, me perguntou qual a coisa mais importante para os seres humanos, logo respondi que era a vida. Ela me fitou com um olhar calmo e disse que o Prazer e a Insensatez eram os principais motivos para a procriação entre os seres humanos. E continuou, perguntou-me quem casaria se antes parasse e refletisse sobre tudo que vem junto com o matrimônio, no que classificou o casamento como arte da Insensatez.

Questionou, mais uma vez retoricamente, como alguém que já foi casado resolve casar-se outra vez, e, logo em seguida, botou a culpa no Esquecimento. Abismado com o que ela acabara de dizer, fiquei sem palavras. Enquanto a acompanhava pela sala, ela continuava o falatório. Disse sobre como as crianças são inocentes e amáveis, como fazem coisas insensatamente e, mesmo assim, todos observam admirados. Tudo graças à Loucura, que faz com que crianças sejam altamente espontâneas; coisa que se esvai ao passo que elas vão crescendo e tomando consciência do mundo, então logo viram adolescentes tediosos. Testificou o quão a vida dos adultos é algo monótono, pois estes tentam ficar cada vez mais longe da Loucura. Quando sentem a necessidade de colocá-la para fora, embriagam-se e fazem tudo que querem fazer, no dia seguinte culpam o álcool. Ao falar dos idosos, salientou como ela os ajuda a lidar com o fim da vida, fazendo com que eles bebam da água do Esquecimento e voltem a ser crianças.

Estupefato com tudo o que ela me contava, interrompi e perguntei se poderia o ser humano viver a vida toda com a felicidade das crianças, e ela respondeu que sim, porém a maioria está muito ocupado buscando a sabedoria. E prosseguiu, agora falava sobre a amizade, sobre como nós fechamos os olhos aos defeitos dos amigos e apreciamos os vícios deles como se fossem virtudes, neste momento lembrei do meu velho amigo Crispim, até me perdi no que a deusa falava, quando voltei à tona ela continuava a se gabar por manter amizades que duravam vidas e vidas. Daí ela falou uma das coisas que mais me marcaram de toda a conversa, disse que quase todos os homens são loucos e isso é algo que faz com que todos sejam tão parecidos. No fim das contas, tive um pouco de razão em meus estudos.

E então a Loucura desatou a falar do Amor, sobre como um amante vê beleza no outro mesmo quando não se há tanta beleza assim; sobre como a maioria dos relacionamentos são apoiados na Adulação e nos Prazeres, e sobre como existem tantas *loucuras de amor*. Para a deusa, todo romance tem um pouco

de Loucura. E, assim, ela concluiu, falando que a Loucura é quem torna capaz todas as relações humanas e está presente em praticamente tudo. Nesta altura, eu já estava absolutamente fascinado por tudo o que ela me contara, e refiz minha pergunta: por que, mesmo sendo tão importante, é tão esquecida pelos homens? Por que não existem adoradores da Loucura, templos em sua homenagem, estátuas da sua imagem pelos parques...? Como se já esperasse essa pergunta, ela me olhou e disse: *Todos os mortais são estátuas a mim erguidas, imagens vivas da minha pessoa. Vários deuses têm templos em lugares específicos do mundo, mas meu templo é o mundo como um todo. Sou celebrada onde há liberdade, nos entremeios da tão perseguida lucidez que, no fim, é monotonia.* Ali, eu já não tinha mais perguntas.

Após isso, nos despedimos, e ela disse que minha maior loucura foi buscar respostas para o que não tem necessidade de ser questionado. Logo, eu era um cidadão tão são quanto qualquer um em Itaguaí. E também tão louco. Vagando mais uma vez morte afora, vim parar na cidade de Palmeira dos Índios, interior de Alagoas, e decidi lhes escrever. Escrevo essa carta póstuma lembrando do que fiz em vida; não posso voltar atrás, mas trago este recorte do que aprendi em morte. Escrevo para contar que, enfim, consegui o que tanto queria: entender a loucura — ou melhor, a Loucura. E também quero trazer uma mensagem para quem ainda está entre os vivos: celebrem a Loucura e tudo que ela proporciona, afinal, a Loucura é o que dá razão à vida. Nos meus estudos, pensei que a loucura fosse uma ilha perdida num oceano de razão, depois achei que fosse um continente, mas agora concluo que a razão é que é uma ilha perdida num oceano de loucura, e tudo isso graças à deusa. Enfim, agradeço pelo tempo e pela consideração às minhas palavras.

Cordialmente,

Dr. Simão Bacamarte